

MARXISMO AUTOGESTIONÁRIO E LENINISMO: OPOSIÇÃO OU ANTAGONISMO?

Gabriel Teles¹

*Seria correto deixar de dizer a verdade para agradar pessoas que continuam com as mesmas práticas políticas burocráticas, autoritárias, do leninismo e semelhantes? Ora, dizia um trotskista ingênuo, nós politicamente somos todos da mesma “família”! E acrescenta que nossas diferenças são apenas “táticas”! Isso é tão falso quanto o “marxismo” dos pseudomarxistas. O marxismo não é uma “família” e muito menos faz parte da família dos pseudomarxistas. O marxismo trabalha com a questão das classes sociais e não da família e sua diferença com o leninismo não é apenas tática, mas geral (Editorial da Revista *Marxismo e Autogestão*, n1. v.1, 2014).*

Introdução

Desde a rebelião estudantil do maio de 1968, o Marxismo Autogestionário vem se desenvolvendo sob a esteira da dinâmica da luta de classes no interior da sociedade capitalista. Trata-se de um projeto político que possui como fundamento o projeto autogestionário (transformação da totalidade das relações sociais) e dá continuidade ao caráter revolucionário e radical do marxismo. Refere-se, então, da expressão teórica do movimento revolucionário do proletariado em sua manifestação contemporânea, herdeiro do marxismo original da segunda metade do século XIX (Marx e Engels) e do comunismo de conselhos da primeira metade do século XX (Korsch, Pannekoek, Ruhle, Gorter, Mattick, Wagner, etc.), além de outros revolucionários, como Rosa Luxemburgo, Antônio Labriola, Makhaisky, Sylvia Pankhurst, etc.

No Brasil, ele aparece no final da década de 70 na obra e ação política de Maurício Tragtenberg, que contribui não só com o avanço da discussão sobre a autogestão, mas também com a divulgação e tradução de diversos militantes revolucionários esquecidos com a hegemonia leninista. Desde então, em nosso país, o marxismo autogestionário vem desenvolvendo, aprofundando e atualizando diversos elementos teóricos desta

¹ Militante do Movimento Autogestionário. Doutorando em Sociologia pela Universidade de São Paulo (PPGS/USP). Contato: teles.gabriel@gmail.com

perspectiva e contribuindo para acelerar o acirramento da luta de classes. É especialmente com a recusa dos partidos políticos, sindicatos e demais organizações burocráticas no seio de diversos conflitos que o interesse pelo marxismo autêntico se apresenta a diversos indivíduos e coletivos que buscam a transformação social.

Podemos localizar tal interesse no movimento Antiglobalização no início do século XXI, as Manifestações de Junho de 2013, as Ocupações de Escolas pelos Secundaristas em diversos estados brasileiros, etc. Em todos essas manifestações e movimentos ocorreram a recusa pelas organizações burocráticas e a defesa da ideia e prática da auto-organização enquanto elemento fundamental para o processo de luta e formação. É o que podemos chamar de reemergência das lutas autônomas no Brasil (LUCAS, 2016). Mesmo que de forma ambígua ou eclética, a ideia da autogestão enquanto mudança radical emerge e se junta a outros indivíduos e coletivos que, periféricamente, já vinham contribuindo como a militância autogestionária no país. Dessa forma, o marxismo autogestionário já se consolida enquanto expressão teórica mas também como uma importante perspectiva política que encontra eco nas práticas políticas de estudantes, trabalhadores, desempregados, etc.

Uma questão importante que sempre aparece aos autogestionários é a relação com outras perspectivas políticas, tal como o anarquismo, autonomismo, leninismo, socialdemocracia, etc. A relação com essas diversas perspectivas é de colaboração ou combate? De aliança ou hostilidade? São perguntas que estão sempre presentes no imaginário de diversos militantes que ainda não conhecem, de forma aprofundada, a perspectiva autogestionária ou desconhecem as tradições e conflitos no interior do movimento operário e seus supostos apoiadores ou representantes.

A nossa resposta para essas perguntas depende, evidentemente, de qual perspectiva que estamos lidando. O anarquismo e o autonomismo² forma, em conjunto com o marxismo autogestionário, o bloco revolucionário que contribui para a luta

² É importante deixar claro que estamos falando do anarquismo e do autonomismo não dogmático e não eclético. Ou seja, do anarquismo revolucionário, anarcocomunismo, do autonomismo não eclético e reboquista, etc.

revolucionária no interior da luta de classes. Então a relação é de aliança, colaboração e contribuição.

A questão começa a se tornar mais difícil, para alguns militantes que ainda não tiveram a oportunidade de aprofundar sobre o tema, quando se observa a relação entre o marxismo autogestionário com outras perspectivas políticas que também se reivindicam como “marxista”, tal como o leninismo. Aqui, portanto, encontra-se o objetivo de nosso texto. **Qual a relação entre marxismo autogestionário e o leninismo?** Mesmo que se conheça pouco sobre a primeira perspectiva, está claro, nos escritos de diversos autores, que existe uma relação de conflito com a segunda. O dilema, no entanto, é saber quão profundo é este conflito. Para desvelar tal profundidade é necessário se debruçar, mesmo que de forma introdutória e sintética, se tal conflito se configura enquanto antagônico ou como oposição.

Oposição, antagonismo e perspectivas políticas

Os substantivos *antagonismo* e *oposição*, nas representações cotidianas (“senso-comum”) se apresentam quase sempre, ilusoriamente, como sinônimos. Ou seja, aparecerem como duas palavras que expressam um mesmo significado. No entanto, o nosso entendimento aqui é que estas palavras expressam duas categorias que possuem significado radicalmente distinto. Uma ideia ou ação X pode entrar em oposição a uma outra ideia ou ação Y, mas não necessariamente são antagônicas.

Alguns exemplos concretos poderão nos auxiliar sobre essa questão: dois partidos políticos, um de esquerda e outro de direita, possuem divergências quanto às melhores políticas estatais a serem executadas pelo Estado. Aqui há um momento de oposição e não de antagonismo, já que apesar das divergências, há uma convergência que é a participação da disputa na democracia burguesa e da conquista do poder do Estado. O mesmo se pode dizer sobre o bloco dominante e o bloco reformista/progressista, já que apesar da competição, dos embates e disputas (oposição), o interesse geral e fundamental é o mesmo, que é a reprodução da sociedade capitalista. Assim, oposição implica uma divergência específica em meio a uma convergência geral.

Uma ideia ou ação é antagônica a outra quando ambas expressam perspectivas radicalmente distintas, inconciliáveis. Uma perspectiva que aponta para a transformação social, e que um dos seus elementos fundamentais é a abolição imediata do Estado, será radicalmente distinta daquelas perspectivas que buscam conquistar o poder do Estado (tanto partidos políticos de esquerda ou de direita). O bloco revolucionário é antagônico tanto ao bloco dominante quanto ao bloco progressista/reformista, o que implica a crítica radical a essas duas tendências. Por esse ângulo, antagonismo significa uma divergência radical simultaneamente específica e geral.

Tais distinções são cruciais para tomarmos consciência da dimensão do problema que é a relação entre as mais diversas perspectivas, tendências políticas e não cairmos na ingenuidade ou em alianças que podem ser, uma hora ou outra, extremamente problemáticas e limitadoras em momentos de acirramento dos conflitos sociais diversos.

Marxismo Autogestionário e Leninismo: expressões de classe distintas e antagônicas

Seria um trabalho volumoso se resgatarmos todos os elementos tanto do marxismo autogestionário quanto do leninismo para apreendermos a relação entre essas duas perspectivas. Para os fins deste texto, focalizaremos a questão dos interesses de classe e o seu significado para a luta de classes no geral.

Karl Korsch, um comunista de conselhos que contribuiu para o desenvolvimento da teoria revolucionária, nos trouxe a melhor definição de marxismo que já apontamos páginas atrás: o marxismo é a expressão teórica e política do movimento revolucionário do proletariado (KORSCH, 1977). Tal definição é elaborada considerando a discussão realizada no *Manifesto Comunista* por Marx e Engels (2010), sobretudo quando estes autores colocam a relação entre os comunistas e o movimento operário:

Qual a relação dos comunistas com os proletários em geral? Os comunistas não são um partido à parte entre os outros partidos operários. *Seus interesses não são distintos dos interesses do conjunto do proletariado.* [...] Na teoria, têm, sobre o resto do proletariado, a vantagem de ter uma visão clara das condições, da marcha e dos resultados gerais do movimento operário [...] As proposições teóricas dos comunistas não se baseiam, de modo algum, em ideias ou princípios inventados ou descobertos por este ou aquele reformador do mundo. *São apenas a expressão geral das condições efetivas de uma luta de classes que existe, de um movimento histórico que se desenvolve diante dos olhos* (MARX & ENGELS, 2010, p. 51-52, itálico nosso).

Assim, o marxismo busca expressar os interesses de classe do proletariado autodeterminado (revolucionário). A partir desta perspectiva, o leninismo não pode ser considerado como uma “corrente” do marxismo, tal como é apresentado geralmente (“marxismo-leninismo”).

O leninismo é a sistematização ideológica da prática burocrática inicialmente por seu grande intelectual, Lênin, e posteriormente por outros intelectuais, que inclusive se colocam como opositores (tal como Trotsky e Stalin, gerando as correntes trotskistas e stalinistas) (TELES & SILVA, 2018; FERREIRA & TELES, 2017). Os principais elementos do leninismo entram em radicais divergências com as principais concepções do marxismo. Citemos uma das principais proposições do leninismo como exemplo dessa incompatibilidade, que é a ideologia da vanguarda (questão que está no coração do pensamento de Lênin e seus epígonos).

Um dos pressupostos da ideologia da vanguarda é que os trabalhadores, por conta própria, não possuem condições de chegar à consciência revolucionária, mas tão somente uma consciência sindical (ou *trade-unionista*). Tal assertiva é estruturada no livro *Que Fazer?*, escrito em 1902 por Lênin, onde aprofunda a tese kautskista da nulidade operária e da necessidade de uma vanguarda:

Dissemos que os operários não podiam ter consciência social-democrata. Esta só podia ser introduzida do exterior. A história de todos os países mostra que a classe operária, apenas com suas próprias forças, só está em condições de elaborar uma consciência *trade-unionista*, quer dizer, a convicção de que precisa de se agrupar em sindicatos, luta contra o patronato, exigir do governo estas ou aquelas leis necessárias aos operários, etc. Em troca, a doutrina socialista nasceu das teorias filosóficas, históricas e econômicas, elaboradas pelos representantes instruídos das classes possuidoras, pelos intelectuais (LÊNIN, 1973, P. 39).

Neste trecho, temos a retomada do argumento de Kaustky, que posteriormente apontará para a necessidade dos “portadores da doutrina socialista” introjetar no proletariado a consciência revolucionária.

Podemos elencar diversas consequências teóricas e práticas a partir da sistematização da ideologia da vanguarda em Lênin e que entram em franco antagonismo com o marxismo. O principal deles é a castração do caráter revolucionário do proletariado. O enunciado “*A emancipação dos trabalhadores é obra dos próprios trabalhadores*”, escrito por Marx para a AIT (Associação Internacional dos

Trabalhadores), expressão máxima da teoria da autoemancipação proletária marxista, é esquecido, combatido e desfeito. Inclusive é o próprio Marx, em um texto criticando representantes do ainda nascente Partido Socialdemocrata Alemã (SPD), que antecede algumas críticas que os comunistas de conselhos farão as teses leninistas:

No que nos diz respeito, com todo o nosso passado, só nos resta um caminho a seguir. Há quase 40 anos colocamos em primeiro plano a luta de classes como o motor da história e, especialmente, a luta de classes entre burguesia e proletariado, como a grande alavanca da revolução social moderna. É-nos impossível, portanto, caminharmos juntos com pessoas que querem suprimir esta luta de classes do movimento. Quando fundamos a Internacional e formulamos em termos claros seu grito de guerra: “a libertação da classe operária será obra da própria classe operária”. Não podemos evidentemente caminhar com pessoas que declaram aos quatro cantos que os operários são muito pouco instruídos para poder emancipar a si mesmos, e que só a partir de cima eles podem ser libertados, pelas cúpulas, pelos filantropos burgueses e pequeno burgueses (MARX, 2014, p. 229).

A ideologia da vanguarda irá legitimar a manutenção da relação entre dirigentes e dirigidos, um dos principais mecanismos de controle e dominação da sociedade capitalista. Tal consequência não é mero caso. Aqui chegamos a um elemento importante e que torna-se um das explicações da incompatibilidade entre marxismo e leninismo: este último não expressa os interesses do proletariado mas sim de uma outra classe social, a burocracia (especialmente suas frações, no interior da burocracia civil, que buscam se autonomizar). Assim, compreendemos o leninismo como expressão ideológica de determinações frações inferiores da classe burocrática que se radicaliza na busca por se autonomizar e tomar o poder de Estado (TELES & SILVA, 2018). A cristalização desse processo é a ação contrarrevolucionária bolchevique na Revolução Russa de 1917.

O rápido exemplo dado aqui sobre a ideologia da vanguarda já aponta para esse antagonismo entre marxismo e leninismo, mas diversos outros aspectos poderiam ser colocados, especialmente na obra de Lênin, tais como a questão do período de transição inexistente em Marx e no marxismo (TELES & FERREIRA, 2017a); o elogio a divisão do trabalho via taylorismo (TELES & FERREIRA, 2017b); a concepção burguesa do materialismo mecanicista e a defesa da ideologia do reflexo (PANNEKOEK, 2004; KORSCH, 1973; ANJOS, 2004; FERREIRA, 2019); a questão do Estado (WRIGHT, 2015; ADAM 2015); o papel contrarrevolucionário de Lênin e do partido bolchevique no

contexto da Revolução Russa de 1917 (BRINTON, 1975; BARROT 2014; MATTICK, 2016; RUHLE, 2017; WAGNER, 2017); entre outros elementos.

Em síntese, podemos afirmar que o marxismo autogestionário e o leninismo possuem um franco e radical antagonismo postos por seus interesses de classes distintos e por expressarem projetos políticos distintos. A diferença aparece em nível teórico, metodológico, valorativo e de concepção. A questão, agora, é saber quais são as consequências desse antagonismo para a militância autogestionária.

As consequências do caráter antagônico entre Marxismo e Leninismo

Qual o significado político e consequências práticas do antagonismo entre marxismo autogestionário e leninismo?

A primeira consequência é a não aliança com organizações que se reivindicam leninistas. Tal afirmação pode parecer óbvia, mas por incrível que pareça, ainda há indivíduos que acham ser possível uma aliança “tática” ou uma “unidade de esquerda” para combater um suposto “inimigo maior”³. Tal inimigo sempre é evocado para se criar tais alianças e unidades. As experiências revolucionárias, tal como a Russa, Alemã, etc., já mostraram o papel contrarrevolucionários que os militantes podem prestar ao ceder a esse tipo de falsa aliança. O que se cede são os princípios revolucionários, ficando à reboque de medidas e estratégia alheias e que emperram a hegemonia proletária no interior da intensificação da luta de classes.

Nas eleições brasileiras de 2018 esse processo ficou claro, a propósito da disputa entre Jair Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT), onde a falsa polarização burguesa aglutinou, do lado do bloco progressista, um conjunto de indivíduos e organizações anarquistas e autonomistas, que reivindicaram a unidade de esquerda com partidos liberais, socialdemocratas e leninistas para combater um suposto fascismo caso o Bolsonaro fosse eleito. Tal aliança, além de se mostrar infrutífera (já que Bolsonaro foi

³ O “inimigo maior” sempre é evocado para se criar tais alianças e unidades. As experiências revolucionárias, tal como a Russa, Alemão, etc., já mostraram o papel contrarrevolucionários que os revolucionários podem prestar ao ceder a esse tipo de falsa aliança. O que se cede são os princípios revolucionários, ficando à reboque de medidas que acabam dificultando ou tornando impossível a radicalização dos trabalhadores.

eleito), demonstrou a fragilidade de determinados setores do bloco revolucionário em abrir de seus princípios, indo à reboque não só dos interesses do bloco progressista (a qual o leninismo compõe a ala extremista deste bloco), mas da própria dinâmica institucional burguesa (democracia, conquista do Estado, etc.).

Assim, a aliança não é apenas não bem-vinda como prejudicial ao próprio desenvolvimento das lutas dos trabalhadores e demais classes desprivilegiadas. Desde o marxismo original de Marx⁴, passando pelo comunismo de conselhos, até o marxismo autogestionário contemporâneo, o que se faz é a crítica a esse tipo de aliança. Um exemplo da recusa revolucionária dessa aliança pode ser vista, por exemplo, no panfleto produzido por Otto Ruhle, um comunista de conselhos fundamental para compreendermos a emergência da crítica ao leninismo. O panfleto, produzido na década de 40 no contexto da ascensão fascista, expressa qual a posição revolucionária se tomar diante a falsa polarização entre o fascismo e a frente democrática:

Não se trata de uma utopia, mas um aspecto de um desenvolvimento muito real na próxima época histórica que a Segunda Guerra Mundial está a introduzir. Concentrar a atenção neste desenvolvimento, contar com este processo – basicamente geral e profundamente revolucionário –, ajudá-lo a se fortalecer por meio de condutas e ações, defendê-lo contra obstáculos e distorções é a tarefa revolucionária com que nos confrontamos hoje. Na Segunda Guerra Mundial, ambas as frentes, tanto a democrática quanto a fascista, estão suscetíveis de serem derrotadas – uma militarmente, a outra economicamente. *Não importa de que lado o proletariado se coloque, estará entre os derrotados. Portanto, não deve estar com as democracias e nem com os totalitários. Para os revolucionários com consciência de classe, há apenas uma solução: romper com todas as tradições e vestígios das organizações do passado, varrer todas as ilusões com a época intelectual burguesa e realmente aprender com as lições de debilidade e desilusão sofridas durante a fase infantil do movimento proletário* (RUHLE, 2017 [1940], p. 01, itálico nossos).

A segunda consequência do caráter antagônico entre marxismo autogestionário e leninismo é a necessidade da crítica e do combate as ideologias não só de Lênin, mas também de seus epígonos. Um dos elementos do marxismo é a crítica desapiedada do existente⁵, ou seja, um projeto revolucionário, que visa uma sociedade radicalmente

⁴ Lembremos da frase de nossa última citação de Marx: “É-nos impossível, portanto, caminharmos juntos com pessoas que querem suprimir esta luta de classes do movimento.”

⁵ “Embora a construção do futuro e sua consolidação definitiva não seja assunto nosso, é ainda mais claro, no presente, o que devemos realizar. Refiro-me à crítica desapiedada do existente, desapiedada tanto no sentido de não temer os próprios resultados quanto no sentido de que não se pode temer os conflitos com aqueles que detêm o poder.” (MARX, 2008, p. 01).

distinta, deve combater e criticar todos os aspectos da velha sociedade. Assim, é necessário resgatar não só as críticas ao leninismo já efetuadas por diversos marxistas ao longo da História, mas também desenvolvê-las, atualizá-las e contextualizá-las. O marxismo autogestionário, desde o seu surgimento no final da década de 60.

A terceira consequência é a necessidade de denunciar as práticas burocráticas e as consequências contrarrevolucionárias do leninismo tanto no passado quanto no presente. A experiência soviética, desde a tomada do poder pelos bolcheviques em outubro de 1917, nos demonstra o quão nocivo pode ser o não combate e a não denúncia das medidas contrarrevolucionárias de organizações que se dizem contribuir com a luta proletária. O esvaziamento dos soviets (conselhos operários) ou o seu aparelhamento por sindicatos do partido bolchevique, o trabalho militar, a supressão e perseguição das dissidências e organizações revolucionárias críticas ao Estado Soviético, o esmagamento e o assassinato de trabalhadores, camponeses e revolucionários em Kronstadt e Makhno, são episódios e elementos importantes que precisam estar em nossa memória militante (TRAGTENBERG, 2007; SANTOS, 2008; BRINTON, 1975). Isto sem contar as experiências chinesas (maoísmo), cubana (castrismo), coreana, etc. É necessário demonstrar, explicitar e analisar que estas experiências, longe de possuírem caráter emancipador, se conformam apenas como formas diferentes de se reproduzir as relações sociais capitalistas (e o conceito de capitalismo de estado expressa bem essa distinção).

A quarta consequência é a necessidade de um diálogo crítico mas construtivo com militantes honestos (preocupados com a transformação social) que se reivindicam leninistas ou que estão em alguma organização, tal como partidos políticos “comunistas”, etc.

A hegemonia leninista se deu com a vitória do modelo russo na III Internacional em 1919, onde Lênin defende que a totalidade dos partidos comunistas deveriam seguir as diretrizes básicas do comitê central soviético, o que acaba sendo acatado pela grande maioria dos congressistas, animados, ilusoriamente, com a Revolução Russa de 1917⁶.

⁶ No entanto, esse processo não ocorreu sem antes existir a resistência de diversos revolucionários. Podemos ver em Gorter (1981) uma resposta à Lênin sobre essa questão, bem como em Pfemfert (2017). Citemos este último: “*Lenine pensa que a Terceira Internacional deve regular-se pelos estatutos*”

Assim, abre-se a possibilidade da bolchevização dos partidos comunistas no mundo e a luta cultural do leninismo para a sua hegemonia no interior do movimento operário. Isto traz consequências graves, já que o leninismo se torna o herdeiro do marxismo para a maioria dos indivíduos que buscavam conhecer a teoria revolucionária. Assim, o marxismo revolucionário é escamoteado e periférico, sobrevivendo com pequenas organizações e alguns intelectuais que formariam os integrantes dos comunistas de conselhos.

Nesse contexto, ao menos no Brasil, muitos indivíduos que buscam contribuir para uma mudança radical na sociedade ingressam em organizações leninistas iludidos com seu discurso pretensamente revolucionário, desconhecendo a sua história, interesses de classes, etc. Assim, é possível um diálogo com estes militantes que poderão, em alguns casos, avançar e contribuir com a militância revolucionária. Claro que quanto maior “poder” nessas organizações, ou seja, quanto mais alto estiver o indivíduo na hierarquia, mais difícil será convencê-lo ou dialogar. Assim, a relação com seus líderes é de combate, já que estes já estão com seus interesses de classe (controle, dirigência, etc.) cristalizados.

Considerações Finais

O objetivo deste texto foi uma pequena contribuição para esclarecer a relação entre marxismo autogestionário e leninismo. Evidenciamos que esta relação se desenrola no caráter antagônico entre estas duas perspectivas políticas, o que expressa diferentes interesses de classes e diferentes projetos políticos inconciliáveis.

Assim, é correta a recusa na epígrafe do editorial da revista *Marxismo e Autogestão* quando o trotskista ingênuo afirma que um autogestionário faz parte da

do Partido Comunista Russo (Bolchevique) e que o proletariado revolucionário de todos os países deve submeter-se à autoridade da “Terceira Internacional” e, portanto, às táticas dos Bolcheviques. Os Bolcheviques deveriam determinar as armas que o proletariado combatente do resto do mundo deve utilizar. E só aqueles proletários que obedecem incondicionalmente serão escolhidos para pertencer a esta associação mundial. Nos Princípios do Segundo Congresso da Terceira Internacional, Lenine formulou este postulado de um modo ainda mais claro: não só deu instruções gerais, mas também todos os detalhes de tática, de organização, e inclusive prescreveu o nome que deveriam assumir os partidos em todos os países. E para rematar: “Todas as decisões dos congressos da Internacional Comunista, assim como de seu Comitê Executivo, são vinculativas a todos os partidos filiados à Internacional Comunista.”

mesma família que a dele. A exigência de abandonar as ilusões sobre sua condição é a exigência de abandonar uma condição que necessita de ilusões, já dizia Marx.

A superação teórica do leninismo já foi feita no início do século XX, mas a sua superação prática ainda torna-se um desafio aos militantes que buscam a emancipação humana via revolução proletária e se efetivará quando a crítica teórica se generalizar e tornar-se força material. Dessa forma, acreditamos que este texto cumpriu o seu objetivo de ajudar a clarificar melhor a relação entre marxismo autogestionário e leninismo. Trata-se agora de avançar na crítica não só ao leninismo, mas em todas as ideologias e perspectivas políticas que não colaboram com a luta dos explorados e oprimidos.

Referências

ADAM, David. Marx e o Estado. *Marxismo e Autogestão*, ano 02, num. 03, jan./jun. 2015, p. 72-95. Disponível em: <http://redelp.net/revistas/index.php/rma/article/view/9adam3>. Acessado em: 29/10/2017.

ANJOS, Diego M. P. dos. Lênin e o materialismo. *Marxismo e Autogestão*, ano 01, num. 2, jul./dez. 2014. Disponível em: redelp.net/revistas/index.php/rma/article/download/9anjjos2/115>. Acesso em: 10 out. 2017.

BARROT, Jean. O “renegado” Kautsky e seu discípulo Lênin. *Marxismo e Autogestão*, ano 01, num. 01, jan./jul. 2014, p. 104-114. Disponível em: <http://redelp.net/revistas/index.php/rma/article/view/4viana2/110>. Acessado em: 29/10/2017.

BRINTON, Maurice. A Revolução Russa. *Marxismo e Autogestão*, ano 01, num. 02, jul./dez. 2014.

FERREIRA, A. C. ; TELES, Gabriel . Leninismo e dominação burocrática: os escritos de Lênin acerca do taylorismo. *Enfrentamento*, v. 22, p. 98-125, 2017.

FERREIRA, A. C. *Literatura e Sociedade nos Escritos dos anos 1930 de Georg Lukács*. Dissertação de Mestrado. Goiânia: Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFG, 2018.

FERREIRA, A. C.; TELES, Gabriel. Período de Transição ou Contrarrevolução Burocrática? Crítica ao Leninismo e seus Desdobramentos Históricos. *Enfrentamento*. Goiânia: ano 12, N. 21, jan./jun. 2017.

GOTER, Herman. Carta Aberta ao companheiro Lênin [1920]. In: TRAGTENBERG (Org.). *Marxismo Heterodoxo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

KORSCH, Karl. La filosofía de Lenin. A propósito de la reciente crítica hecha por J. Harper (Pannekoek) del libro de Lenin “Materialismo y empiriocriticismo” [1938]. In: PANNEKOEK, Anton. *Lenin Filósofo*. Buenos Aires: Siglo XXI Argentina Editores, 1973. p. 147-158.

KORSCH, Karl. *Marxismo e Filosofia*. Porto: Edições Afrontamento, 1977.

LÊNIN, Wladimir. *Que Fazer?* 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1973.

MAIA, Lucas. *Nem partidos, nem sindicatos: a reemergência das lutas autônomas no Brasil*. 1. ed. Goiânia: Edições Redelp, 2016. v. 1. 305p.

MARX, Karl. O Manifesto dos Três de Zurique. *Marxismo e Autogestão*. Ano 01, Num. 02, jul./dez., 2014. Disponível em: <http://redelp.net/revistas/index.php/rma/article/view/22marx2/128>.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

MARX, Karl. *Carta a Arnold Ruge. Carta dos Anais Franco-Alemães*. Marxists Internet Archive, abril de 2008. Acesso em: <<https://www.marxists.org/espanol/m-e/cartas/mog-43.htm>>

MATTICK, Paul. Lenine e a sua lenda. *Espaço Livre*, v. 11, n. 22, jul./dez. 2016, p. 81-92. Disponível em: <http://redelp.net/revistas/index.php/rel/article/view/570>. Acesso em: 29/10/2017.

PANNEKOEK, Anton. Lenin filósofo. In: GORTER, Herman; KORSCH, Karl; PANNEKOEK, Anton. *La izquierda comunista germano-holandesa contra Lênin*. Ediciones Espartaco Internacional, 2004.

PFEMPERT, Franz. *A Doença Infantil de Lenine e a Terceira Internacional*. Disponível em: <https://comunismo.wordpress.com/a-doenca-infantil-de-lenine/>. Acesso em: 29/10/2017.

RUHLE, Otto. *A luta contra o fascismo começa pela luta contra o bolchevismo [1939]*. Disponível em: <http://guy-debord.blogspot.com.br/2009/06/luta-contra-o-fascismocomeca-pela-luta.html>. Acesso em: 29/10/2017.

RUHLE, Otto. *Qual posição tomar?* Passa-Palavra, 2017 [1940]. Disponível em: <<http://passapalavra.info/2017/07/113838/?>>.

SANTOS, Leonel. A Revolução Russa e Contrarrevolução Bolchevique. IN: TELES, Gabriel & SILVA, Rubens Vinícius da. *Crítica marxista ao leninismo*. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2018.

TELES, Gabriel; SILVA, Rubens Vinícius da (Org.) . *Crítica marxista ao leninismo*. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2018.

TRAGTENBERG, Maurício. *A Revolução Russa*. 1. ed. São Paulo, Editora UNESP, 2007.

WAGNER, Helmut. *Teses sobre o bolchevismo [1933]*. Disponível em: <https://comunismo.wordpress.com/teses-sobre-obolchevismo/>. Acesso em: 29/10/2017.

WRIGHT, Chris. Contra “O Estado e a Revolução”, de Lênin. *Marxismo e Autogestão*, ano 02, num. 03, jan./jun. 2015, p. 176-192. Disponível em: <http://redelp.net/revistas/index.php/rma/article/view/9ewright3>. Acessado em: 29/10/2.